

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

ISABELE DE SOUZA CARVALHO

**A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS**

Maceió

2019

ISABELE DE SOUZA CARVALHO

**A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música. Orientador: Prof.^a Dr.^a Ziliane Lima de Oliveira Teixeira

Maceió

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 - 2062

- C331h Carvalho, Isabele de Souza.
A história da harpa em Alagoas e Maria Pia Toso: narrativas (auto) biográficas / Isabele de Souza Carvalho. – 2020.
32 f. : il. color.
- Orientadora: Ziliane Lima de Oliveira Teixeira.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Música: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2019.
- Bibliografia: f. 32.
1. Autobiografia. 2. Pia Toso, Maria. 3. Harpa. I. Título.

CDU: 787.5:82-94

FOLHA DE APROVAÇÃO

ISABELE DE SOUZA CARVALHO

**A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música e aprovada em 05 de Setembro de 2019.

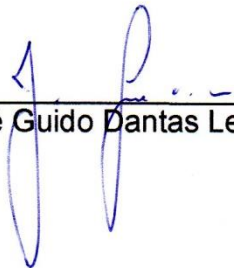


(Orientador: Prof.ª Dr.ª Ziliane Lima de Oliveira Teixeira)

Banca Examinadora:



Professor Dr. Marcos dos Santos Moreira



Professor Esp. José Guido Dantas Lessa da Silva

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ziliane Teixeira de Lima, por sempre me incentivar, ser minha orientadora, muito obrigada pelo respeito e carinho.

Maria Pia Toso por ter me apresentado a Harpa física, por toda dedicação empregada nas aulas e por ter influenciado em meu crescimento musical e pessoal.

Ao meu esposo que sonhou comigo esse sonho e moveu céus e terra para que fosse concretizado.

Aos meus pais, incentivadores de mais uma etapa em minha vida.

Às minhas irmãs que sempre estiveram presentes.

À minha família que de forma direta ou indiretamente contribuíram e me ajudaram emocionalmente.

Aos professores da graduação, que de uma forma ou de outra me ajudaram não apenas em conhecimento técnico, mas a amadurecer, crescer como pessoa.

A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Resumo: O presente trabalho é uma narrativa (autobiográfica) sobre a trajetória da professora Maria Pia Toso, construindo a história da harpa em Alagoas e a inclusão social do instrumento no estado. Este trabalho objetiva desenvolver toda a história da professora envolvendo a harpa, sua chegada ao Brasil e sua contribuição cultural para Alagoas, seus professores de música, suas memórias e o ensino da harpa no estado. Durante esta pesquisa eu pretendo descrever toda a trajetória musical da professora Maria Pia Toso, a escolha do instrumento, os maestros que a regeram, sua vida acadêmica, suas conquistas com a música, suas renúncias, suas decepções, seus estudos árduos para alcançar o lugar em que chegou, os incentivos que teve de sua família, amigos, esposo, em quais escolas de música estudou e algumas de suas histórias nas orquestras.

Também narrarei minha vivência com a professora, nas minhas aulas, toda a tensão em conseguir executar as lições, os árduos estudos, sua metodologia europeia.

Palavras-chave: Harpa; Educação Musical, Narrativas; Pesquisa (Auto)biográfica;

HARPA'S HISTORY IN ALAGOAS AND MARIA PIA TOSO: (AUTO) BIOGRAPHICAL NARRATIVES

Abstract: The present research is a (auto)biographical narratives about the trajectory of the teacher Maria Pia Toso, building the history of the harp in Alagoas and the social inclusion of the instrument in the state. This work aims to develop the whole history of the teacher, involving the harp, her arrival in Brazil and her cultural contribution to Alagoas, her music teachers, her memories and the teaching of the harp in the state.

In this work I pretend describe the music trajectory of her's, the approach with the harp, the conductors who conducted her, the academic life and the achievements with music, the renunciations, the disappointments, the hard study to reach the place she's arrived, the encouragement she has from family, friends, husband, in which music schools she has studied and some of her orchestral stories.

I will also narrate my experience with the teacher during my lessons, all the tension in them, the hard study, her European methodology.

Key word: Harp; Music Education; Narratives; (Auto)biographical Research

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MINHA HISTÓRIA COM A HARPA	11
3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	16
4 A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS	18
<i>Iniciação musical</i>	18
<i>E eu disse: “harpa!”</i>	18
<i>A primeira harpa</i>	19
<i>“Bom, é esta”</i>	20
<i>“Pra mim a harpa tinha acabado! Mas chegou uma carta...”</i>	21
<i>Suas alunas e professoras</i>	21
<i>Primeiras orquestras</i>	23
<i>A chegada ao Brasil: “Dramático!”</i>	25
<i>Alagoas... outra realidade</i>	26
<i>Aulas de harpa em Maceió</i>	28
<i>Relação professora-aluna</i>	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma narrativa sobre a trajetória da professora Maria Pia Toso, construindo a história da harpa em Alagoas e a inclusão social do instrumento no Estado. Este trabalho objetiva desenvolver a história da professora envolvendo a harpa, sua chegada ao Brasil e sua contribuição cultural para Alagoas, seus professores de música, suas memórias e o ensino da harpa no estado.

A professora, pesquisadora e educadora musical é italiana e chegou ao Brasil trazendo consigo uma riqueza de conhecimentos musicais. A harpa é um instrumento de difícil acesso pelo seu custo que é alto e, por ser um instrumento de origem europeia a maioria das pessoas não têm acesso e, raramente se encontra um professor de harpa no Brasil; em Alagoas, a única professora de harpa até o momento é a harpista Maria Pia Toso, da qual eu irei narrar sua trajetória com a harpa da Europa até chegar ao Brasil, em Alagoas e narrarei um pouco da minha história, pois não tem como separar as nossas histórias com a harpa.

Maria Pia Toso nasceu na Itália, numa pequena cidade próximo à cidade de Veneza; Iniciou seus estudos na harpa aos onze anos de idade, porém ganhou de seus pais, sua primeira harpa, aos quatorze anos. Começou a fazer suas primeiras apresentações, ainda estudante, no Conservatório; recém formada tocou em grupos musicais, tais quais duos com flauta ou violoncelo, trios, formações de câmara com cordas, quarteto de harpas da qual foi co-fundadora, tocou em várias orquestras sinfônicas e líricas como harpa solo.

Em 1985 formou-se em harpa no Conservatório de Música F. Veneze, em Rovigo, Itália. Aperfeiçoou-se com mestres conhecidos internacionalmente tais como J. Liber (foi professora de harpa do Conservatório Superior de Tel Aviv e solista da Orquestra Filarmônica de Israel) e S. Mildonian (foi professora do Conservatório Superior de Bruxelas). Como harpista e admiradora da arte, apoia e financia alguns projetos sociais incentivando músicos e artistas alagoanos a desenvolverem seus trabalhos.

Nesta pesquisa eu irei mostrar e apresentar a importância da vida da professora

Maria Pia Toso para o estado de Alagoas. É bastante relevante discorrer, narrar sobre a vida desta mulher que dedicou mais da metade de sua vida à arte, saiu de seu país deixando parentes e toda uma história de vida para trás para estar em Alagoas contribuindo com a cultura, trazendo incentivo social e financeiro para o estado.

Narrarei também minha vivência com a professora, nas minhas aulas, toda a tensão em conseguir executar as lições, os árduos estudos, sua metodologia europeia.

Este trabalho foi desenvolvido através de pesquisa com a própria professora, com entrevistas, resgatando e registrando suas memórias, sua vida na Itália, relatos de seus primeiros passos com a harpa, suas primeiras lições, suas experiências de vida, o que seus relacionamentos contribuíram para sua carreira. Em contraponto com as narrativas de Maria Pia Toso, trago também as minhas narrativas, intercruzando-as, no contexto de ensino-aprendizagem da harpa.

A relevância desse trabalho encontra-se em falar sobre a vida desta destacada harpista e a história da harpa em Alagoas, relatando esse fato histórico para o estado e através disso enriquecer e ampliar o conhecimento sobre o instrumento. A importância desse trabalho é revelar o papel importante desempenhado pela professora na cidade de Maceió incentivando a cultura e contribuindo com a música no estado e na formação de instrumentistas de harpas no estado de Alagoas.

Pesquisar a vida de um professor, buscar elementos de suas experiências é muito valioso para o campo da docência. Refletir toda uma trajetória de vida de um professor serve de exemplo para outros docentes se inspirarem. Narrar a vida da harpista profissional influencia e muito a vida de músicos que almejam alcançar lugares ao sol. Narrar a vida de uma mulher que muitas vezes deixou de usufruir de momentos prazerosos para se dedicar ao seu objetivo de vida inspira outras mulheres à lutarem por suas conquistas.

Pretendo contribuir com essa pesquisa com as áreas educacional, social, histórica, refletindo emoções através da história oral, narrativas.

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a

intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. (GOODSON, 1995, p.75).

Assim, este estudo está relacionado com a linha de pesquisas *Formação de professores, práticas e contextos em Educação Musical*, do Grupo de Estudos Contemporâneos em Música (GECOM) e tem como objetivo geral compreender a trajetória de vida pessoal e profissional da harpista Maria Toso Pia, e objetivos específicos: (i) conhecer sobre as práticas de ensino do instrumento desenvolvidos pela professora; (ii) narrar a relação professora-aluna entre Maria Pia e eu; (iii) contribuir para a divulgação da harpa no estado de Alagoas.

2 MINHA HISTÓRIA COM A HARPA

A história da harpa é antiga na humanidade. Sua forma que lembra asas e até um coração, foi modificada depois de muitos séculos e através de suas cordas tocadas por harpistas vem emocionando e ganhando admiradores incontáveis. Alguns estudiosos dizem que a ideia da harpa nasceu de uma árvore que era ligada à terra por um cipó que emitia uma nota ao ser tocado pelo vento. Outros estudiosos dizem que a harpa nasceu do arco e flecha que ao utilizar dessa arma o arqueiro ouvia uma nota do atrito entre a corda e a flecha. É um dos instrumentos mais antigos, provavelmente nasceu uns 4.000 anos atrás. A Harpa da qual falaremos é aquela que foi aperfeiçoada nas primeiras décadas do ano de 1.800, chamada de harpa moderna, ou como é conhecida no Brasil “sinfônica” que, além de ter cordas de tripa, metal e nylon, prevê o uso de sete pedais. Independente de sua origem real, a harpa ganhou espaço mundialmente e chegou ao Brasil através da família real.

Existem alguns tipos de harpa que se diferem umas das outras pela forma de serem tocadas, espaçamento entre as cordas, tamanhos, mas todas têm suas cordas beliscadas para ser emitido o som. A harpa sinfônica tem entre quarenta e quarenta e sete cordas e é tocada com a polpa dos dedos; a harpa celta também se toca com a polpa dos dedos e geralmente tem entre vinte e cinco e quarenta cordas; a harpa paraguaia é tocada com as unhas e a posição das mãos do harpista também difere da sinfônica e da celta.

A harpa ainda é um instrumento pouco conhecido em Alagoas, no nordeste. O que me motivou a fazer essa pesquisa foi o fato de eu ser a única harpista alagoana aqui no estado e através da minha prática, minha vivência, contribuir com o seu ensino para Alagoas e formar mais harpistas, multiplicando o conhecimento do instrumento, possibilitando um aprendizado mais acessível à sociedade.

O custo da harpa é muito alto, principalmente quando se trata da harpa sinfônica que chega a custar, no mínimo, cinquenta mil reais. Foi Maria Pia Toso quem trouxe a harpa para o estado de Alagoas e isso justifica a minha pesquisa. Narrar a história dela, suas contribuições artísticas, culturais e sociais para o estado, trazendo o ensino do

instrumento, deixando um legado para mim que pretendo seguir, me especializar e multiplicar o conhecimento. É uma importância não apenas para mim, mas para o estado de Alagoas trazer a história da harpa, sua chegada e ensino.

Narrarei um pouco da minha história com a música até entrelaçar nossas histórias e o que me motivou a realizar esta pesquisa.

Vinda de família humilde eu fui apresentada à harpa aos sete anos de idade, mas de maneira visual apenas, quando ao folhear uma revista vi uma harpa sendo tocada por uma harpista com um vestido azul e disse: “Eu ainda irei tocar esse instrumento...”. Meu primeiro contato com a música foi aos quatro anos de idade, onde ganhei um pianinho de brinquedo de uma tia minha e em dois dias tocava o início de Asa Branca do saudoso Luiz Gonzaga.

Venho de uma família de músicos, onde minha mãe e tias sempre cantaram em corais e meu avô animava festas no interior com seu pandeiro. Fui crescendo sendo incentivada por familiares. Aos doze anos comecei a fazer parte de corais de igrejas. Cheguei a cantar no Coral da União Feminina Batista Missionária de Alagoas durante mais de dois anos. Uma das minhas irmãs começou a trabalhar na época e pagou aulas de teclado para mim, enquanto ela estudava violão. Passei um ano sem instrumento, mas estudava com um teclado desenhado em folhas de papel por mim, assim ficava mais fácil decorar as posições das mãos para chegar nas aulas com as lições estudadas. Além do teclado tinha aulas de teoria musical.

Aos doze anos de idade, depois de insistir muito, meu pai fez um esforço e me presenteou com um teclado Yamaha PSR- 220, o qual tenho até hoje. Após dois anos estudando teclado iniciei os estudos de teoria musical no Centro Nacional de Artes, situado no Centro de Maceió, onde estudei por dois anos e logo mais consegui uma vaga para estudar piano no mesmo local. A situação em minha casa não estava das melhores e precisei deixar meus estudos de piano para trabalhar. Nesse período minha irmã deixou de se interessar pelo violão e eu comecei a estudar violão por conta própria, comprando revistas e tirando dúvida com amigos, mas sem deixar o teclado de lado. Nessa época participei de grupos vocais como Asas da Alva, onde participo até

hoje e tocava na banda da igreja, no Ministério de Louvor.

Como não tinha condições de adquirir uma harpa, esse sonho ficou guardado por muitos anos. Algum tempo depois conheci meu esposo, Edson, que tocava violino na época, hoje oboísta. Falei para ele da minha vontade, do meu sonho de aprender harpa que estava muito longe de ser realizado. Meu esposo começou a ir à conquista de meu sonho comigo, até que falou com uma grande musicista, clarinetista Margarida Ferreira que fazia parte da Orquestra Sinfônica Universitária. Margarida financiou meu primeiro instrumento.

Não era uma harpa sinfônica, mas celta. Em três meses a harpa chegou à Maceió, pois adquirimos de Portugal. Meu esposo, por sua vez, mencionou uma harpista que tocara na orquestra em que ele participava, a Orquestra Sinfônica da UFAL, e havia pedido o contato dela há alguns anos.

Entramos em contato com a professora Maria Pia Toso e eu pude contar toda a situação para ela. De início não queria dar aulas, pois exigia uma harpa sinfônica com pedais para a execução de exercícios mais avançados, os quais eu precisaria mais à frente, pois nos anos anteriores ela teve que desistir de outros alunos que estavam impossibilitados em comprar um instrumento.

Depois de muito insistir, aceitou dar aulas, já que eu tinha pelo menos uma harpa celta. Iniciei com os métodos italianos, inclusive também foram os mesmos que a professora utilizou quando iniciou na harpa. De início quase desisti da harpa devido às aulas muito intensas e tensas, pois a professora era rígida assim como estudara na Europa com seus mestres.

Iniciei meus estudos na harpa em 2009 e com um ano depois fazia parte da Orquestra Sinfônica da UFAL, da qual faço parte até hoje. Com quatro anos de harpa ingressei na Universidade Federal de Alagoas, no curso de Música Licenciatura em Educação Musical e observando toda a trajetória da professora, o estudo árduo da harpa, minhas dificuldades em adquiri-la após anos de espera, a dificuldade de adaptar-me ao estilo europeu no início e toda uma técnica nova para mim, a dificuldade de informações sobre o instrumento, suas técnicas, a questão de existirem poucos

professores e os valores exorbitantes do instrumento, resolvi aproximar a harpa à nossa cultura, apresentar para alguns ou ampliar para outros um conhecimento mais aprofundado do instrumento e sua história em nosso estado.

Na época em que iniciei os meus estudos com a harpa, depois do primeiro período de aprendizado, estava correndo o risco de parar por causa das exigências de Maria Pia Toso a respeito dos pedais, na realidade a minha harpa não possuía. Meu esposo, que além de músico é engenheiro, desenvolveu os sete pedais para a minha harpa celta e então eu pude continuar com a professora.

Com o passar dos anos fui sentindo a necessidade de um instrumento que se assemelhasse pelo menos no tamanho à harpa sinfônica, pois a minha harpa celta é menor que a sinfônica e o som dela, tendo cordas bem diferentes das usadas na sinfônica, começava a dar uma notável diferença nos estudos. Ao ir à casa da professora Maria Toso, eu estudava em sua harpa sinfônica que possui sete pedais e uma estrutura maior.

Quando meu esposo percebeu a necessidade que eu estava em possuir um instrumento maior, como o custo de uma harpa sinfônica é altíssimo, ele teve a feliz ideia de construir uma harpa para mim! Iniciou um árduo trabalho para interpretar projetos da harpa sinfônica. Acordava várias madrugadas com ideias novas e com isso foi encontrando soluções para alguns dilemas que surgiam no desenvolvimento do projeto.

Com dois anos de estudo e várias interpretações de projetos, além de possuir um tempo escasso também devido ter outras atividades, iniciou a construção da minha harpa de quarenta e sete cordas e na mesma proporção da sinfônica. Entre medidas, observação de projetos, ele começou então a ir a busca da matéria prima para desenvolver o instrumento. Não foi fácil e muito menos esse projeto teve um valor razoável, mas enfim, ele conseguiu! Costumo dizer que Edson, literalmente, deu o sangue pelo instrumento! Na página a seguir, a figura 01 mostra a construção da harpa e as figuras 02 e 03 a harpa pronta.



Figura 1: Edson durante a construção da harpa. Arquivo pessoal.



Figura 2: Eu e minha harpa, construída pelo Edson. Arquivo pessoal.



Figura 3: Eu e a professora Maria Pia Toso. Minha harpa à esquerda e a harpa da professora à direita. Foto tirada em um concerto natalino da Orquestra Sinfônica da UFAL, em dezembro de 2016. Arquivo pessoal.

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, contemplando os estudos (auto)biográficos (ABRAHÃO, 2004; MEIHY, 2005; ALBERTI, 2005), tendo a história de vida como método de investigação (FREITAS, 2006; ALBERTI, 2005; MEIHY, 2005; FISCHER, 2011).

A pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais. Produzir pesquisa (auto)biográfica significa utilizar-se do exercício da memória como condição sine qua non. A memória é o elemento-chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais. (ABRAÃO, 2004, p.202).

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista de história de vida (ALBERTI, 2005) sobre a vida da harpista Maria Toso. A história de vida é contada por um personagem e gira em torno deste. Como qualquer outro procedimento utilizado na coleta de dados, a história de vida é um instrumento que recolhe um material bruto que necessita ser analisado. Este material levantado, nada mais é que um conjunto de informações reunidas, e que necessita ser trabalhado por outros procedimentos como a descrição, a análise, a compreensão e interpretação. Através dos autores listados acima, foi feita a análise da história de vida da professora, incidindo sobre os elementos constitutivos da memória, objetos biográficos presentes em sua narrativa, professores que figuraram como modelos docentes em sua trajetória, relação professora-aluna, além de outros elementos que surgiram durante a pesquisa.

Este tipo de pesquisa que se utiliza da história oral, narrativas, entrevistas, não é algo inédito na educação musical, porém, o tema deste trabalho é algo nunca registrado antes. Alguns autores pesquisaram com objetivos semelhantes como foi o caso de Ferla (2009) que apresenta a biografia da professora Helma Bersch no contexto da imigração alemã católica no interior do Rio Grande do Sul; Lima (2013), que narra a história da professora educadora musical, Ingeburg Hasenack, compreendendo suas práticas e influências no contexto onde estudou e atuou; bem como Weber, Garbosa e Anesi (2012) que desenvolveram pesquisa narrativa sobre a vida do professor Enio Guerra e toda a sua trajetória para a formação musical de professores. Essas pesquisas são aproximações importantes no referencial teórico deste estudo, pois eles

se referem a (auto)biografia, envolvendo a vida pessoal e profissional dos professores apresentados, trazendo histórias e contextos locais sobre o ensino de música.

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam de seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 1995, p. 71).

Todos os autores mencionados acima embasam contextos de histórias de vida narradas a partir da interpretação de cada autor e respeitando fielmente os relatos de quem as conta, enriquecendo o estudo de outros pesquisadores, mas nenhum desses autores pesquisou a vida da professora Maria Pia Toso e a história da harpa em Alagoas.

A entrevista com a professora Maria Pia Toso ocorreu em sua residência, um ambiente confortável o que a deixou muito a vontade. A entrevista deu-se em 13 de abril de 2019. Após a realização da entrevista, o áudio foi transcrito e analisado e separado por categorias. Também registrei minhas narrativas através de diários de campo. No capítulo a seguir serão apresentadas as narrativas de Maria Toso em contraponto com as minhas narrativas.

4 A HISTÓRIA DA HARPA EM ALAGOAS E MARIA PIA TOSO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Iniciação musical

Diferentemente de mim, que tinha um desejo enorme de estudar harpa, Maria Pia chegou até ela por falta de vaga no instrumento que gostaria. Ela conta como foi o início no conservatório de música.

Eu não comecei a estudar a harpa porque eu quis, como no seu caso, eu entrei por acaso no mundo da musica. Como era um pouco rebelde, papai foi aconselhado por um colega dele a me colocar num conservatório de musica, ja que as turmas eram formada por no máximo 18 alunos e assim sendo eu teria tido uma disciplina escolar mais focada; mas para isso precisava fazer um exame, um teste, uma série de provas pra ver se eu tinha alguma atitude musical ou não.

Eu tinha dez anos, portanto fiz esses testes de aptidão e passei em todos. Depois chegou a pergunta inesperada de: “Qual instrumento você gostaria tocar?” E eu como 99,9 % das crianças respondi : “Piano forte!” E eles me disseram: “Bom, não tem vaga por enquanto, então você vai ter que escolher outro instrumento, pelo menos pelo primeiro ano; desta forma você ingressa, começa a estudar teoria, participa das aulas do instrumento escolhido e assim que alguém se formar em piano forte, nos teremos uma vaga e você poderá entrar logo na aula de piano”. Eu disse: “Ótimo!” E foi assim que me fizeram a segunda pergunta inesperada : “Então, nós temos vaga em violão ou harpa, você escolhe o quê?”

E eu disse: “harpa!”

E comecei a estudar a harpa; não gostava, portanto não estudava; para mim era simplesmente um processo de espera enquanto aguardava o meu instrumento verdadeiro: o piano forte. A minha mãe ia frequentemente a falar com os professores cujo parecer era sempre muito bom, em todas as matérias, menos que na harpa já que não a estudava, sendo que a professora daquela época dizia: “Vamos segurar essa menina porque ela tem qualidade pra harpa!” E a minha mãe dizendo: “Sim, mas ela não gosta!” E a professora dizia: “É, mas vamos aguardar mais um pouco!”. No segundo ano eu continuava sem estudar muito porque não gostava de harpa, ou pelo menos eu pensava, porque assim que

surgiu a possibilidade de finalmente trocar a harpa pelo piano forte, no final do segundo ano, que aqui seria a sétima série, quando a diretora do Conservatório me disse: “Pronto! Agora temos a vaga! E logo depois me perguntou: Você quer?! Eu respondi “Não”; eu estava começando a gostar da harpa, “Eu vou ficar”. Então a partir do ano seguinte eu comecei a me aplicar da forma certa porque estava começando a me apaixonar pela harpa. E realmente a harpa foi o meu instrumento, um relacionamento que sempre foi muito forte, uma mistura de ódio e de amor. Momentos de ódio forte, que eu não queria mais tocar e outros muito fortes de paixão mesmo para tocar.

A primeira harpa...

Aqueles eram anos difíceis para os alunos que não tinham o instrumento em casa ... pra você praticar a harpa, você tinha que ir estudar no conservatório; não existia ainda, ao contrario de hoje, a possibilidade de você alugar uma harpa para praticar ou você a comprava ou ia no conservatório mesmo, na escola para estudar. E, claro que logo no começo do seus estudos, você não pode comprar um instrumento caríssimo sem ter a certeza que é o que você está realmente querendo, a não ser que sua família seja muito rica e queira desperdiçar o dinheiro; mas não era o caso da minha família. Portanto eu, todos os dias, terminada a escola, parava no conservatório pra fazer a prática de harpa e depois ia pra casa. Quando eu comecei a estudar na outra escola também, que era a escola de línguas, de idiomas, o trabalho escolar começou a ser mais difícil e pesado, bem como a organização dos estudos, porque eu ficava na escola até uma hora da tarde, ia comer um sanduíche e logo em seguida ia para o conservatório, aonde ficava estudando, pelo mínimo, duas, três horas. Ao terminar os exercícios da harpa, voltava para casa, que não era tão perto, chegando mais ou menos umas cinco horas da tarde e tinha que começar a trabalhar e estudar para a escola de idiomas; isto tudo começou a ficar um pouco pesado e já que eu estava realmente gostando de tocar harpa, e a professora estava também gostando da minha evolução instrumental, os meus pais começaram a pensar em comprar uma harpa. Eu tinha quatorze anos.

Precisava escolher esse instrumento! Não tinha ninguém que alugasse, e não existia naquela época, o que existe há muitos anos, a possibilidade de encontrar uma harpa usada. Tinha que comprar mesmo, investir. E o valor de uma harpa era comparado com o valor de um carro, de um carro importante; meus pais decidiram que tinha que ser feito! Foi assim que nós viajamos para Rapallo, perto de Gênova, na qual cidade fabricavam a harpa Salvi. A minha tarefa estava sendo mais difícil do que imaginara, pois a professora que ia nos acompanhar para escolher o instrumento certo, com uma boa sonoridade, de repente tive um imprevisto; imagine a minha preocupação em escolher a harpa! eu testei duas, três, quatro harpas que estavam lá a disposição para testar, para provar e, me apaixonei pelo som da minha harpa, aquela que fica comigo até agora.

“Bom, é esta”

E escolhi bem, porque é uma harpa que sempre teve um som muito bom, muito quente, redondo, não sei como dizer, mas um som do qual sempre gostei. Foi muito emocionante claro! Ela entrou no meu quarto, foi colocada em cima do tapete que foi o tapete exclusivamente dela durante um número de anos; o meu quarto teve alguma mudança lógico, porque uma harpa precisa de um bom espaço. Finalmente começou o trabalho em casa: terminava a escola, ia pra casa estudar ou voltava para o conservatório para as matérias complementares, mas agora conseguia organizar as duas escolas da melhor forma. Foi assim que comecei a estudar mais, lógico, porque tendo o instrumento próprio, você tem a possibilidade de tocar em horários diferentes, à sua disposição; não tem mais o problema de uma outra colega entrar na sala de estudo já que é o horário dela para praticar. Você em casa faz o que quiser, estuda quando quiser. Nos domingos, por exemplo, eu lembro que papai gostava muito se deitar para cochilar enquanto eu praticava, e quando eu parava de tocar harpa para não acordá-lo, ele dizia: “Não, você pode tocar porque escutando você eu cochilo melhor, mais sereno”!.

Ao falar em seu pai, Maria Toso se emocionou bastante!

Contudo, o meu relacionamento com a harpa continuava sendo muito conflitual, sempre alternando momentos de ódio e amor! Cheguei a um ponto em que estava desistindo, na época dos namoradinhos; quando as minhas amigas saíam com os namorados pra o cinema, ou pra comer pizza eu, na maioria das vezes, dizia: “Não posso, não tenho como, vou ter que estudar! Segunda tenho aula e eu não estou pronta!” Então nestes momentos o sentimento era de ódio: “Não quero mais!!” Porque todo mundo vai sair e eu fico em casa estudando?”

Teve outro momento em que decidi deixar a harpa: quando perdi meu pai. Eu tinha dezenove anos, o ano da formatura da escola de idiomas e um nível importante para os estudos da harpa, porque era um curso já muito alto, no nível abaixo da formatura; a morte do meu pai foi um trauma e eu não queria mais! Eu não estudei harpa durante um mês e meio, talvez dois meses, eu acredito, não frequentava mais e não queria mais estudar, pronto! Eu não queria! Pra mim a harpa tinha acabado!

“Pra mim a harpa tinha acabado! Mas chegou uma carta...”

Mas chegou uma carta de alguns amigos e colegas de papai, direcionada a mamãe; eles souberam que papai tinha falecido daquela forma tão de repente, descrevendo papai como uma pessoa forte, um homem assim, isto, outro, aquilo e que... [Neste momento ela se emociona bastante!] e que lembravam ainda quanto ele, durante uma viagem de trabalho, ao cruzar uma loja de instrumentos musicais na qual vitrine estava exposta uma harpa, tentou não mostrar aos amigos quanto ele estava orgulhoso e feliz que a filha dele, a menor de idade, tocasse harpa... e foi neste momento, quando a minha Mae leu esta frase em voz alta, que no dia seguinte, voltei a tocar harpa!



Figura 4: Maria Pia Toso. Arquivo pessoal (imagem cedida para o trabalho).

Suas alunas e professoras

*As turmas da harpa eram formadas, no máximo, por oito-dez alunos. Falei oito, pois alguém bem começou e no caminho desistiu, outros voltaram e terminaram os estudos ,ou desistiram novamente; lembro de uma quinzena de colegas durante todos esses anos. O percurso escolar da harpa, lá , é muito importante, bem, é que nem aqui, acredito. **Aluna é uma criatura sua, uma sua criação e você, Mestre, vira referência, portanto uma grande responsabilidade** [grifo meu]. Até hoje eu tenho alunas que continuam me considerando como amiga e conselheira, hoje em dia como a irmã mais velha, naquela época não, naquela época era simplesmente a professora! [...]*

*Eu tive uma professora forte que me segurou por muitos anos, a Professora Maria Luisa Cardin-Fontana; ela foi quem me levou à formatura, uma presença muito forte, aquela que me fechava os livros na cara e dizia: “Não! Vá e volte só quando você estiver pronta...eu não estou aqui perdendo tempo não! Quando você estiver decidida a tocar seriamente pode voltar! Agora pode ir!”, **como eu fiz com você.** [grifo meu]*

O meu percurso musico-escolar não foi fácil; tinha começado o estudo da harpa no Conservatório, não gostando dela mesma; a minha primeira professora, aquela que não queria desistir de mim pelas minhas qualidades e aptidões harpistas, a Professora Caterina Greselin depois de dois ou três anos, não me lembro, foi transferida para uma cidade mais perto da família dela. Então chegou uma suplente que ficou um ano e no ano seguinte veio outra e assim por alguns anos; isto é extremamente ruim porque você acaba se desconectando, você acha de ter encontrado o caminho certo e, de repente chega alguém que começa a modificar algumas coisas técnicas que você tinha finalmente agarrado; a técnica, a posição, a sonoridade, o tudo enfim, mesmo sendo pelo oitenta por cento igual, na realidade vai descobrindo que cada professor tem o próprio jeito de passar as técnicas e os métodos do estudo. Quando chegou a professora Cardin, eu estava no quinto ou sexto ano, e com ela terminei. Ela era de Veneza e se formou sob a guia de uma das primeiras alunas da escola italiana de Harpa. Foi a professora que continuou sendo a minha referência escolar também depois da formatura, uma ótima professora de base, um pouco....mãe talvez. O esposo dela foi professor do meu esposo.

Nos últimos anos dos estudos, enquanto estudava para se formar, Maria Pia conheceu o futuro esposo, que era professor de clarinete no mesmo Conservatório.

Eles tinham sete anos de diferença e, logicamente, era uma historia de aluna e professor que gerava fofocas.

Eu casei cedo, tendo o ano da formatura a ser concluído. Me mudei para Veneza e descobri uma cidade que me deu muitas oportunidades de trabalho, apresentações e plateias. Quando comecei realmente a tocar, na frente do publico pagante, eu já tinha me casado.

Primeiras orquestras

Maria Pia narra que as primeiras experiências orquestrais foram as do Conservatório, bem como as primeiras apresentações fora do distrito escolar. Os ensaios com a orquestra eram sempre no período da tarde.

Meu esposo era um clarinetista fantástico que, infelizmente, anos atrás tinha tido um grave acidente de carro e durante muitos anos não conseguiu mais tocar”

Como ele era um músico muito experiente e não podia mais tocar, começou a exigir muito de Maria Pia, musicalmente e instrumentalmente, ajudando-a a desenvolver mais a área de solista ao invés da área orquestral. Então Maria Pia se dedicou por anos à carreira solo.

Ela ainda conta sobre nunca ter sido muito boa em fazer testes. Sempre acabava discutindo em relação ao teste. Ela não admitia que testes fossem feitos em três minutos. Dizia:

O que você consegue dar em três minutos? Eu não consigo! No sentido que eu devo me adaptar... eu sou emotiva, portanto devo me adaptar no começo, eu não sou uma máquina, em três minutos não consigo! Provavelmente preciso de quatro a cinco minutos pra entender o que está acontecendo, pra entrar no ambiente, pra depois finalmente me expressar e tocar!” E portanto não era mesmo muito fácil pra mim!

A minha primeira participação numa Orquestra Profissional aconteceu por acaso: enquanto eu e uma colega minha estávamos tocando juntas em duo de harpas, ela recebeu dois convites de duas Orquestras diferentes; impossibilitada, portanto, em tocar em duas cidades simultaneamente, me disse: “Maria Pia, eu não consigo fazer as duas! vou ter que escolher

a Fenice porque, caso eu desistir dessa, vou acabar, sei lá, no final da lista. Você aceitaria de tocar com a orquestra Haydn de Trento?!” Eu disse: “Claro! Eu vou!”. E fui! Mas eu não sabia qual seria o programa a ser executado e, quando me ligaram pela tarde, me passaram uma informação um pouco errada: que era pra tocar a Boheme do Mestre Peloso! Nunca tinha ouvido falar desta peça. Pensei, portanto, que fosse uma obra prima, musica contemporânea, um poema sinfônico.....não sei. Até hoje não sei se foi eu a não entender da forma certa ou se foi a secretaria da Orquestra a se expressar da forma errada!

Enfim, me enviaram a partitura e eu descobri, quase desmaiando, que no meu debuto numa Orquestra Profissional, iria tocar a Boheme de Giacomo Puccini. Entre a felicidade e o pavor! Puccini sempre foi um entre os meus compositores preferidos, mas.... prepará-la em quinze dias? Uma Opera Lírica daquele porte? Eu que nunca tinha tocado ópera até aquele momento?... E u quase morri! Tive pesadelos pelo dia e pela noite. E ali foi mais um desafio! Eu comecei a tocar, a estudar, escutando e assistindo inúmeras gravações, tentando reproduzir tudo aquilo mas.....você, na realidade, não entende nada! Os primeiros ensaios com a orquestra foram um desastre! E, mesmo eu pensando que tudo estava dando certo, na realidade eu estava péssima! Teve um momento em que eles estavam me mandando embora porque eu poderia prejudicar a execução da peça, depois dos primeiros dois ensaios, me parece.

Foi o spalla da Orquestra que disse: “Não, vamos dar mais uma possibilidade, ela é bem no começo, eu acho que ela tem capacidade, é só entrar no mecanismo, ela não entendeu ainda como se conectar com a Orquestra, com o Maestro... ópera, canto...é muito complicado! Vamos segurar mais um ensaio”. Depois ele veio a minha procura e me disse: “Maria Pia, cuidado porque você está nesta situação, você tem que se concentrar, não perca de vista a mão do Maestro, tente olhar para a partitura somente de vez em quando e, sobretudo, escute todos os sons dos outros instrumentos. Máxima atenção em todos”.

Pronto! Ele disse e, a partir daí, desbloqueou alguma coisa em mim: os ensaios seguintes foram sempre melhorando, até chegar a tocar a minha primeira ópera com profissionalismo, da forma certa e com grande satisfação, pois no final da primeira noite alguns dos meus colegas vieram até ao meu lugar elogiando o meu som e a minha execução. A começar daí, teve outros convites pra tocar em outras orquestras em diferentes cidades da Itália. Naquela época eu comecei também a dar aulas de harpa e teoria em duas escolas, assim sendo aceitava convites de orquestras por tempos pequenos, de dois meses, de vinte dias, dependendo do contrato, da programação dos teatros, desta forma conseguia tocar na orquestra, dar aula e até me apresentar em concertos a solo. De repente o meu quarteto de harpas foi convidado para fazer uma audição para orquestra: o programa deles precisava de 6 harpas e eles só tinham encontrado duas harpas. A audição foi um sucesso! Foi assim que conheci a Orquestra Lirico-Sinfonica de Erl, uma cidade Austríaca situada bem na divisa com a Alemanha, onde começou outro período importante da minha vida: o das turnês na Áustria! Nesta orquestra toquei como harpa solo durante quinze anos, sob a regência do Maestro G. Kuhn. Grande personalidade, caráter difícil, muito carismático no pódio mas muito rígido, excelente musico que me ensinou muito do repertório austríaco e alemão; consegui me apaixonar por Mahler, Wagner, Brahms, Strauss entre outros. Esta Orquestra chegou a ter, em algumas representações, uns 150-200 músicos tocando juntos. Foram anos inesquecíveis, de aprendizagem e de grande satisfação artística.

A chegada ao Brasil: “Dramático!”

Minha chegada ao Brasil foi dramática! Dramática por uma série de questões. Foi uma livre escolha de nos mudar-nos para Maceió, mas, como eu estava com compromissos marcados pelo ano a vir, seja na escola ou em concertos e apresentações, tive que re-organizar toda a minha vida familiar juntamente à minha vida artística. Esta situação, provavelmente, demoraria um ou dois anos, antes de eu conseguir fechar e honrar os compromissos que eu tinha lá na Itália.....portanto precisava ter uma harpa aqui também. Então tinha a minha harpa lá, e aqui trouxe uma harpa alugada na Itália para ter a possibilidade, quando eu

vinha pra Maceió, de praticar naquele período em que ficava por aqui. Os meus compromissos com a Orquestra da Áustria tinham datas marcadas também.

E começaram os problemas, porque ao chegar aqui com a harpa, tomei conhecimento de uma série de regras burocráticas da Alfandega, regras de importação temporária de um instrumento que me deixava chateada cada vez! Tais regras queriam que, ao sair do Brasil

eu levasse a harpa, mas isto não era possível, pois eu estava viajando frequentemente e não tinha como ingressar com ela e sair com ela, ingressar e sair, ingressar e sair; a harpa é monstruosamente grande, pesada e carregá-la no avião cada vez ia ficar caríssimo....até que enfim encontramos a forma de deixar a harpa aqui, enquanto eu viajar, pois ela estava sendo constantemente monitorada por eles. Mas um belo dia, o meu esposo, que estava aqui, me ligou dizendo: “Olha, eles disseram que, ou você vai levar a harpa ou eles vão sequestra-la porque você não está aqui junto com o instrumento!”. Então tive que viajar para Maceió para buscar a harpa e sair com ela. Isto foi desgastante para mim, mesmo sabendo que as regras tinham que ser respeitadas. E aí comecei a estudar todas as leis da Alfandega para poder ingressar da melhor forma possível respeitando os tempos certos de entrada e saída. Os primeiros anos foram bastante conturbados.

Depois, como eu consegui ter vistos de pesquisadora e de professora de harpa aqui, a harpa começou a ficar na minha casa e eu podia estudar aqui, voltando para a Itália pronta para as apresentações e as turnês lá na Áustria. E aqui? Aqui, infelizmente, encontrei muros e muros de indiferença a respeito da música clássica.

Depois de um tempo, Maria Pia se adaptou às Leis brasileiras e a situação normalizou-se! Depois de quinze anos como *spalla* do naipe de harpas da orquestra na Áustria, Maria Pia se despediu dela. Hoje em dia é convidada a participar de algumas apresentações em formação de câmara e duos, não mais para cumprir agendas com inúmeras apresentações e sim como concertos únicos.

Alagoas... outra realidade

Maria Pia relata que sentiu dificuldades ao se deparar com a realidade da música erudita em Maceió, tão distante da que ela vivia na orquestra da Áustria. Ela conta que inicial mente decidiu manter a ligação com a orquestra na Europa, pois era uma forma de se “hidratar” musicalmente.

Eu quis manter a ligação, essa forte dependência com a orquestra da Áustria porque pra mim era um soro, uma hidratação da minha alma; aqui a musica erudita estava completamente sem estrutura, e dava pra mim segurar alguns meses sem tocar numa Orquestra, depois eu tinha que me hidratar, eu sentia uma grande falta... então, quando eu viajava, me ausentava de Maceió desde Maio até Agosto. Aqui ficou complicado dar aulas

também, pois os alunos que tive, começavam com muito interesse e vontade e isto era suficiente para os primeiros meses mas, logo em seguida, eles precisavam praticar mais e não tendo harpas por aqui, a gente desistia.

Recém chegada procurei saber se existia uma orquestra, mas me informaram que não tinha nenhuma. Depois de um tempo, descobri que tinha uma orquestra, a da UFAL (na época), e fiquei mais decepcionada ainda porque tempo atrás tinha perguntado se tinha orquestra e me disseram que não.

Ela segue contando que tocou por um tempo com a orquestra da UFAL, mas que se sentia “enlouquecida” com a indisciplina em relação aos horários, pontualidade, organização de estudos, etc.

A primeira vez que eu toquei com a Orquestra aqui em Maceió, o diretor-regente era o Nikolas, acredito em 2003, 2004. Uma das coisas que me deixava mais enlouquecida, era a indisciplina da orquestra; eu estava acostumada com disciplina de horário, disciplina de silêncio, disciplina de estudo, disciplina de tudo. Me lembro ainda a primeira vez em que me comunicaram o horário do ensaio: “começa as 15:00!” Assim, às 14:45 já estava lá, precisava entrar logo na sala para poder afinar e preparar a harpa....mas as 15:00 não tinha chegado ninguém e a porta ainda estava trancada; comecei a achar tudo extremamente estranho. Um ensaio da orquestra e não tem ninguém ensaiando, ninguém afinando, ninguém chegou ainda; essas coisas me deixavam louca!

Postura é postura mas, ao chegar na sala, sempre via que isto existia somente na minha formação; você esta acostumado a pontualidade constante, não pode chegar atrasado ou não preparado! Para mim foi difícil lidar com este “mais ou menos”.

Lembro de umas vezes, em concertos solo, nos quais tinha a minha apresentação com horário marcado e a sala estava lotada: ao perguntar à organização do porque eu não começasse a tocar, a resposta, para mim, era absurda “Estamos aguardando por a tal pessoa”. E eu replicando que estávamos atrasados de 20-30 minutos...e a organização respondendo “Sim a gente sabe, mas temos que aguardar esta tal pessoa”; naqueles momentos a minha resposta era definitiva: “Na sala tem pessoas aguardando por um concerto. Eles merecem o meu respeito! Portanto ou começo agora ou não toco mais”. Eu vou tocar! Eles merecem respeito!”

Aulas de harpa em Maceió

A harpa não é como piano forte, o seja, o pianista senta no banco e, de imediato, somente abaixando e levantando os olhos ele tem partitura, mãos, posição tudo sob controle. A harpa é menos sortuda; o instrumento è apoiado no ombro direito e o joelho direito auxilia neste carregamento; a harpa, quase, divide seu corpo na metade e sua cabeça vira a esquerda para ler a partitura e vira a direita para controlar a posição e individuar as cordas e, coisa mais complicada ainda, existem os 7 (sete) pedais a ser dominados juntamente com o restante. Este mecanismo è, de fato, mais complicado e inatural, sem contar que para tocar você vai machucar seus dedos, porque as cordas são muito duras e seu maior aliado será o calo que irá formar-se nas pontas dos dedos, mas frequentemente, para ter os calos vai ter que passar pela famosas bolhas de sangue... que doem muito.

Lembro-me bem do primeiro dia que recebi a harpa em minha residência. Com uma enorme ansiedade fui desembulhando a caixa e, finalmente me encontrei com a harpa. Não tinha noção de como seria árduo o aprendizado do instrumento; da forma explicada pela professora logo acima, realmente a harpa não é parecida com piano, é mais complicada de associar o equilíbrio das mãos com a postura correta, punhos corretos, segurá-la no ombro não é nada fácil por ser um instrumento pesado. Algumas pessoas associam a harpa como instrumento angelical, sim, é verdade, sua sonoridade é fantástica e consegue transmitir algo diferente de outros instrumentos; mas também posso dizer que associo a harpa à guerreiros, pois como citei acima, ela é grande e pesada. A harpista tem entre cinco ou mais tarefas para executar quando está tocando-a.

Em uma das aulas com Maria Pia, eu tocava a harpa com várias bolhas nos dedos, sim, pois temos esses episódios de mãos feridas, principalmente quando os estudos eram feitos em sua harpa sinfônica, onde eu tinha que estudar lições em oitavas graves, que possuem cordas de aço. Nessa aula, a professora pedia que eu tocasse forte. Percebi que meus dedos doíam muito, mas eu não podia parar a lição; foi quando notei pontos vermelhos no corpo da harpa, mas ainda não havia dado conta de que era meu sangue caindo sobre o instrumento. Uma das bolhas dos meus dedos havia estourado e as cordas estavam ferindo a polpa dos dedos.

Imediatamente quando ela percebeu, trouxe gaze e enfaixou o dedo. Continuei a tocar.

Relação professora-aluna

[...] a professora de harpa, porque no conservatório funciona assim, você tem aulas com professores de teoria e matérias complementares aula de instrumento próprio com a professora típica do instrumento. E a professora, a primeira, foi essa Caterina Greselin que usava métodos antigos no ensino da harpa, mas eu gostava muito. Ela mesma escrevia tudo que os alunos tinham que estudar, e a teoria dela era fantástica.

Nossa relação professora-aluna não foi nada fácil. Nossos encontros eram aos sábados e eu ficava muito ansiosa quando ia chegando o final de semana, pois qualquer erro nas lições, era muito desconfortável. Por vezes a culpa era minha, pois eu não dispunha de uma dedicação exclusiva à harpa, pois tinha outros afazeres.

Minhas mãos suavam no caminho para sua residência, principalmente quando eu não tinha estudado o suficiente para mostrar um bom trabalho. Entrava na sala onde a harpa estava e começava a me aquecer no instrumento, uns vinte minutos. Maria Pia, por sua vez, entrava e a aula começava. Sempre fomos muito sérias uma com a outra nos momentos de aula; não havia sorrisos, sempre eram momentos tensos.

Recordo-me do dia em que ela me deu uma bronca devido a lição que eu não estava executando bem. Continuei a tocar a harpa, comecei a chorar, mas não desesperadamente, a lágrima corria dos olhos, mas continuava a tocar. Nesse momento ela disse: *“Suas lágrimas não me comovem! Pode ter choro, o que for; não adianta!”*. *“Você não é uma criança, é adulta, portanto assuma!”* Então nosso relacionamento na época não era tão harmonioso e isso acabava deixando as aulas mais tensas. Desde o início ela disse que iria me ensinar, mas do jeito dela, da mesma forma que suas professoras na Itália haviam ensinado a ela, rigidamente, sem descontos.

Em outra aula, recordo-me ainda de não conseguir tirar a lição e, quando menos esperava, recebi uma pancada na coxa esquerda! Não acreditei na hora! A vontade que tinha era de sair correndo e deixar tudo para trás, mas aceitei. Sempre fui muito determinada e continuei na aula! Outra vez, com um lápis, senti em meu braço esquerdo uma pontada, quando em mais uma lição não dei o melhor de mim. Maria Pia sempre foi muito intensa nas aulas, nunca mais ou menos. Eu que, como havia falado anteriormente, chegava em algumas aulas mais ou menos por possuir outros compromissos e não poder me dedicar à harpa ao máximo, oito horas por dia como deveria ser! Ela dizia que não estava interessada em 5 estudos “medíocres” e sim em 2 estudos “perfeitos” porque, assim sendo, era possível trabalhar juntas, na interpretação e no significado do estudo além da técnica.

Claro que tiveram momentos de plena satisfação nos estudos. Quando isso acontecia eu saía da aula extremamente satisfeita! Em nove anos de convivência dá para contar bastante história! Ela possuía quatro cachorros de grande porte que ficavam na sala da harpa e, quando eu ia estudar eles sempre estavam lá me observando. Ficava tensa nos primeiros meses, até me acostumar com eles. Acompanhei vários momentos, tanto os da sua convivência com eles quanto os da perda de cada um com o passar dos anos. Maria Pia sempre foi muito ligada a eles e me recordo de algumas vezes que ela cancelou aulas por não suportar a perda de seus filhos caninos.

Algumas pessoas já me perguntaram se alguém consegue aprender harpa sozinha. Bem, tirar um som, uma melodia que seja de ouvido, acredito que consiga sim, assim como em qualquer instrumento, mas sem técnica, sem ter conhecimento básico do instrumento, acho difícil ir além. Uma vez aprendido a postura de forma errada, é muito difícil que se consiga perder algumas “manias” adquiridas. Por esse motivo sugiro que procure um profissional para evitar, inclusive, futuras lesões.

Quando Maria Pia falou que me daria aula do jeito dela e da forma que aprendeu na Europa, ela também quis falar dos métodos por ela adquiridos e estudados na época do conservatório pela professora Caterina Gresselin. Esses mesmos métodos foram passados para mim, de acordo com o meu desempenho na harpa. A cada ano a

professora me apresentava um livro com lições cada vez mais complexas, porque para cada ano do curso de harpa existem diferentes livros que acompanham o desenvolvimento da complexidade das técnicas, totalizando nove níveis de estudo.

Os livros que usavam, e que usam ainda hoje, desenvolviam as duas mãos simultaneamente, porém tocando as mesmas notas nas claves diferentes e, claro, nas oitavas diferentes. Isso dava costume mental e psicológico que as duas mãos estavam lendo a mesma coisa e você ficava preguiçosa mentalmente, você costumava ler, normalmente a clave de Sol, já sabendo que a outra, a de Fá, ia fazer o mesmo trabalho, uma oitava mais baixa ou duas oitavas mais baixas; então a Greselin escrevia pessoalmente os estudos para suas alunas. Mesmo que os compassos de fossem repetitivos desde o começo, [ela queria que a mão esquerda fizesse o acompanhamento enquanto a mão direita fazia o canto]. É difícil claro, porque você tinha que ler duas coisas diferentes, mas isso desenvolvia mais rápida a leitura das duas claves. Praticamente como estudar as partituras do piano: mão direita canto, mão esquerda acompanhamento.

A nossa relação com o passar dos anos foi se transformando como se fosse mãe e filha. Com um tempo fui me acostumando com seu jeito de ministrar as aulas e fui me precavendo no sentido de me dedicar mais para evitar possíveis problemas durante as aulas. Ela mesma disse durante a entrevista: *Aluna é uma criatura sua, uma criação sua e você, mestre, vira referência, portanto uma grande responsabilidade.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, acredito que pude contribuir com a cultura em nosso Estado trazendo a história da harpa e seu ensino à sociedade alagoana e ao mesmo tempo contando a trajetória da professora e um pouco da minha história com a música, com a harpa. Suas contribuições para o nosso Estado, e assim como tive oportunidade de conhecer e aprender esse instrumento, outras pessoas poderão ter acesso a algo que às vezes está longe da realidade de muitos. Tive o privilégio de ter uma harpista muito bem conceituada, no panorama da música, sendo minha professora e resolvi registrar a história dela e da harpa assim como o ensino do instrumento porque não tem nenhum registro sobre o assunto.

Através da chegada da harpa em minha vida, fui apresentada também à Harpaterapia, que será tema de pesquisa que pretendo desenvolver em breve. Deixo aqui minhas contribuições embasadas em autores e pesquisadores com trabalhos semelhantes e minha proposta para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (Auto)Biográfica: Teoria e Empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- FERLA, Josélia Jantsch. **Helma Bersch e o ensino de música no contexto da imigração alemã católica do vale do Taquari**. 2009. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.
- FISCHER, Beatriz T. Dauth. (Org.) **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011.
- FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimento**. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995, p.75.
- LIMA, Janaína Machado Asseburg. **Ingeburg Hasenack: memórias de uma educadora musical**. 2013. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.
- MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- WEBER, Vanessa; GARBOSA Luciane W. Freitas; ANEZI, Franciele Maria. Do autodidatismo à regência da Orquestra Sinfônica de Santa Maria: lembranças da iniciação musical do professor Enio Guerra. In: CONGRESSO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 5, 2012. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2012, p. 288-294.